

UM CRIADINHO ÀS ORDENS

Depois que o Nordestino nasce, recebe - como todo filho de Deus e como todo cidadão - um nome que lhe é dado, em primeiro lugar, na pia batismal, num dia de festa com a presença dos parentes e dos amigos da família além dos padrinhos e madrinhas de-apresentar, de-vela e de-touca, todos vestindo roupas tiradas do fundo da mala de onde só saem nos grandes dias e calçando sapatos apertados que são verdadeiras fábricas de fazer calos pelo pouco uso que têm, tudo sob os olhares bondosos do vigário da paróquia. Claro que a festa de batismo, no que se refere aos comes-e-bebes, depende dos possuídos da família do batizando; porém, por mais pobre que seja a família, sempre acontece a comemoração e a bebemoração. E todos, logo após a cerimônia religiosa que geralmente tem lugar na sacristia da matriz quando termina a missa das nove, parentes, amigos e padrinhos, vão para a casa dos pais do batizando e quem sofre é o peru ou a galinha-do-pescoço-pelado que não têm nada a ver com a história. Depois, para ficar bem brasileiro, é que é registrado no cartório do registro civil da vila, quando os pais aproveitam um dia de feira, que é o dia em que vão à cidade vender o que têm e comprar o que precisam, levando o nome completo do filho, dos pais, dos avós e de duas testemunhas.

A verdade é que um filho é sempre mais uma boca para sustentar, quer seja menino, quer seja menina. Mas significa também um par de braços para ajudar nos serviços da lavoura, na tirada do leite, de manhãzinha, no curral. Uma menina também não deixa de ser muito bom. Serve para amarrar as cabras, ir buscar água na cacimba, dar de comer às galinhas e, com licença da palavra, aos bacurinhos, cuidar dos irmãos menores e ajudar a mãe nos serviços de casa. Menino ou menina, todos são sempre bem recebidos com a graça de Deus.

A escolha do nome é sempre um problema para todo pai de família e, quase sempre, envolve as pessoas de casa, cada qual dando seu palpite, querendo fazer valer o nome de sua preferência. E é um problema que sempre exige duas soluções: uma, se o menino for menino macho e outra, se for uma menina feme.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *Nomes próprios pouco comuns*: contribuição ao estudo da antroponímia brasileira. 4. Ed. Recife: Bagaço, 1996. 178p.